

CONVERSANDO COM RUPERT SHELDRAKE: OS DESAFIOS DA INOVAÇÃO CIENTÍFICA

*Daniel Sander Hoffmann**

Na presente edição de *Episteme* apresentamos um diálogo com o Dr. Rupert Sheldrake, um pensador moderno, brilhante e polêmico, que é conhecido entre nós graças a seus conceitos de campos mórficos e ressonância mórfica, dentre outras idéias revolucionárias. O Dr. Sheldrake é extremamente cortês e nos deu oportunidade de explorar diversas facetas de seu trabalho e obter uma idéia dos problemas enfrentados por qualquer pessoa que deseje fazer uma pesquisa radicalmente nova. É uma entrevista extremamente interessante, como o(a) leitor(a) poderá conferir, e foi de fato um grande prazer ter feito essa conversação com um cientista que, definitivamente, tem as mais fortes convicções sobre suas idéias e crenças.

É importante enfatizar que essas convicções do Dr. Sheldrake não são necessariamente compartilhadas nem pelo entrevistador nem pelos demais membros do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, que edita *Episteme*. Pelo contrário, inclusive. À primeira vista, poderia parecer que damos nesta entrevista suporte a linhas de investigação que tiveram certa importância no desenvolvimento histórico das ciências, mas que agora deveriam descansar perpetuamente no jazigo das preconceções populares ultrapassadas pela certeza avassaladora da ciência moderna e objetiva. Não é esse o caso. Nossa intenção primária, ao apresentar algumas das idéias desse pesquisador polêmico, que passeia com grande facilidade entre os habitats da ciência, da filosofia e da religião, é a de mostrar que um diálogo aberto e honesto pode ajudar a aclarar diversos aspectos concernentes à forma com que se dá a produção de saberes no nível individual. Da leitura da presente entrevista podemos concluir, por exemplo, que motivações pessoais afetam profundamente a forma com que um cientista molda e apresenta ao público seu trabalho. Percebemos também como a formação “de berço” (Sheldrake foi criado na mais pura tradição religiosa ocidental, temperada posteriormente com leves

* Engenheiro Mecânico, Biólogo, Mestre em Engenharia, Mestre em Ecologia, Doutor em Genética e Biologia Molecular. Professor da UERGS, membro do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências da UFRGS. *E-mail*: daniel-hoffmann@uergs.edu.br

pitadas de orientalismo) pode influir no desenvolvimento do cientista e mesmo no seu “produto” final. O fato de Sheldrake ter sido amplamente perseguido por suas idéias heréticas e aparentemente retrógradas, no velho estilo da Santa Inquisição – porém, nos dias de hoje, isso ocorre junto às bordas recheadas de tecnicismos, informaticismos e tantos outros futurismos do século XXI – nos oferece ainda uma oportunidade ímpar de apreciar como o sistema como um todo é ainda largamente eficiente em sua tarefa de disciplinar e condicionar a maior parte dos cientistas, espremendo-os em moldes convenientemente dimensionados, com uma precisão que provocaria inveja às principais organizações internacionais de padronização industrial. Não obstante, temos aqui um exemplo vivo de como certas pequenas liberdades (e outras gafes) ainda podem ser cometidas, com largas restrições e grande risco, por aqueles que conseguiram reter algum idealismo primordial e buscam ver algo mais por detrás do grande cenário mecânico montado pela ciência profissional. Feita essa ressalva, vejamos algo sobre a trajetória de vida desse curioso cientista.

Tendo sido um pesquisador da Sociedade Real Britânica, Dr. Rupert Sheldrake estudou ciências naturais na Universidade de Cambridge (onde ele era *Scholar of Clare College*), graduou-se com honras e recebeu o Prêmio de Botânica da universidade. Ele então passou a estudar filosofia na Universidade de Harvard (onde era membro da Frank Knox) antes de retornar à Cambridge. Foi lá que obteve seu Ph.D. em Bioquímica e se tornou membro do *Clare College*, no qual realizou pesquisas sobre o desenvolvimento de plantas e envelhecimento celular e foi, também, Diretor de Estudos em Bioquímica e Biologia Celular. Dr Sheldrake estudou plantas de florestas tropicais de 1968 a 1969, baseado no Departamento de Botânica da Universidade de Malaya (Kuala Lumpur) e trabalhou de 1974 a 1985 no Instituto Internacional de Pesquisa de Culturas para os Trópicos Semi-Áridos (*International Crops Research Institute for the Semi-Arid Tropics – ICRISAT*) em Hyderabad (Índia), onde ele era *Principal Plant Physiologist*. Enquanto estava na Índia, viveu por mais de um ano no *ashram* de Fr Bede Griffiths, em Tamil Nadu. Foi lá que ele escreveu seu agora famoso primeiro livro, intitulado *Uma nova ciência da vida (A new science of life)*. Recentemente, em setembro de 2005, ele foi apontado para a *Perrott-Warwick Scholarship*, administrada pelo Trinity College (Cambridge). Ele é atualmente, também, um pesquisador do Instituto de Ciências Noéticas, próximo a São Francisco, e Diretor Acadêmico e Professor Visitante no *Graduate Institute* em Connecticut. Dr. Sheldrake vive em Londres com sua esposa e dois filhos.

Dr. Sheldrake tem reiteradamente aparecido na BBC e em vários outros programas de rádio. Escreveu para jornais tais como *The Guardian*, no qual ele tinha uma coluna mensal, *The Times*, *Sunday Telegraph* e *Daily Mirror*,

dentre outros menos conhecidos do leitor brasileiro, e tem contribuído para uma variedade de revistas, incluindo *Resurgence*, *The Ecologist* e *The Spectator*. Ele também apareceu em muitos programas televisivos na Inglaterra e em outras partes do mundo, e foi um dos participantes (junto com Daniel Dennett, Freeman Dyson, Stephen Jay Gould, Oliver Sacks e Stephen Toulmin) em uma série televisiva intitulada *A Glorious Accident*, veiculada em canais da PBS, nos Estados Unidos. Essa série resultou em um livro que está disponível em português (Wim Kayzer, *Maravilhosa obra do acaso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998). Dr. Rupert Sheldrake escreveu mais de 75 artigos científicos e dez livros, nos quais se incluem *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation* (1981), *The Presence of the Past: Morphic Resonance and the Habits of Nature* (1988), *The Rebirth of Nature: The Greening of Science and God* (1992), *Seven Experiments that Could Change the World: A Do-It-Yourself Guide to Revolutionary Science* (1994) (ganhador do prêmio Livro do Ano do British Institute for Social Inventions), *Dogs that Know When Their Owners are Coming Home, and Other Unexplained Powers of Animals* (1999) (ganhador do prêmio Livro do Ano da British Scientific and Medical Network) e *The Sense of Being Stared At, And Other Aspects of the Extended Mind* (2003). Com Ralph Abraham e Terence McKenna, Dr. Sheldrake publicou *Dialogues at the Edge of the West* (1992), republicado como *Chaos, Creativity and Cosmic Consciousness* (2001) e *The Evolutionary Mind* (1998). Ele também é co-autor, com Matthew Fox, de *Natural Grace: Dialogues on Science and Spirituality* (1996) e *The Physics of Angels: Exploring the Realm Where Science and Spirit Meet* (1996). Em uma edição especial do importante *Journal of Consciousness Studies* (v.12, n. 6, 2005), o posicionamento do Dr. Sheldrake relativamente a um tópico que poderíamos traduzir como a “detecção não-visual de estar sendo olhado fixamente” é examinado por quatorze críticos. O leitor interessado encontrará muito mais sobre Rupert Sheldrake, incluindo diversos artigos disponíveis para *download*, em seu sítio eletrônico, <http://www.sheldrake.org>. Vamos então à entrevista propriamente dita.

Hoffmann – *Quem é Rupert Sheldrake, visto por ele mesmo?*

Sheldrake – Sou um biólogo e um dos meus objetivos é tentar abrir o debate científico de forma que este não seja mais limitado por estreitos dogmas materialistas. Na medida em que nos movemos para uma visão mais holística da vida e da natureza, novas possibilidades para diálogo com tradições religiosas surgem, e novas formas de integrar a experiência espiritual com o resto de nossas vidas se abrem também. Porque meu trabalho é radical, isso significa que muito dele é controverso, e é considerado por alguns do meio científico como herético. Entretanto, meu objetivo é expandir a ciência, abrir novos diálogos com a filosofia e com as tradições espirituais e ajudar a encontrar

novas maneiras de curar as fissuras na nossa psique causadas pelas teorias materialistas e mecanicistas da natureza.

Hoffmann – *Recentemente assisti a um vídeo-documentário da BBC (creio que de 1994) contendo uma dramatização na qual seus livros aparecem sendo queimados e você é acusado de heresia. Isso tem obviamente relação com um editorial da revista Nature, escrito por John Maddox, muitos anos atrás, intitulado Um livro para queimar? Você se sente como um Galileu Galilei do século XXI, ou talvez mesmo um Giordano Bruno?*

Sheldrake – Quando Maddox fez a observação sobre meus livros serem bons para se queimar e disse que eu merecia ser condenado pela mesma razão pela qual o Papa condenou Galileu, não penso que estava tentando me comparar com Galileu, mas sim se comparar, ele mesmo, com o Papa. Ele sentiu que devia proteger a ciência da heresia.

Hoffmann – *Que cientistas, efetivamente, consideram seu trabalho como heresia? O que eles costumam dizer? Será a ofensa pessoal comum em instituições acadêmicas, à parte de quaisquer preocupações éticas?*

Sheldrake – Muitos biólogos consideram meu trabalho herético por diversas razões: (a) Ele sugere que a abordagem corrente da biologia molecular é radicalmente inadequada. Centenas de bilhões de dólares têm sido investidos nessa abordagem e ela agora domina quase todo departamento universitário de Biologia; (b) A ressonância mórfica tolera a herança dos caracteres adquiridos. Essa é uma das grandes heresias clássicas da biologia. (c) Aquilo que estou sugerindo abala a teoria materialista de que a mente não é nada exceto o cérebro ou, para colocar mais precisamente, que a atividade mental não é nada mais que atividade cerebral. Isso significa que muitos psicólogos e filósofos também consideram herético meu trabalho. A resposta usual a ele é geralmente ou ignorá-lo ou depreciá-lo, em vez de lidar com os argumentos que estou oferecendo. Eu tenho muitos amigos dentro de instituições acadêmicas e muitos cientistas têm de fato a mente aberta. Eles usualmente têm medo de dizer o que pensam a seus colegas. Portanto, é difícil saber quantas pessoas firmemente suportam o paradigma materialista e mecanicista oficial e quantas simplesmente fingem apoiá-lo. Sou freqüentemente atacado na mídia de uma forma pessoal, *ad hominem*. No entanto, isso usualmente é feito não por acadêmicos mas por “profissionais céticos” da mídia, que agem como “assassinos de aluguel” para o *establishment* acadêmico.

Hoffmann – *Me pergunto o que são essas “fissuras na nossa psique” (às quais você aludiu anteriormente), que foram causadas pelas abordagens materialistas do mundo.*

Sheldrake – Penso que a fissura na nossa psique, que é causada pela abordagem materialista do mundo, é o grande golfo entre nossa experiência

subjetiva direta e a teoria materialista de que a mente está no cérebro. De acordo com a teoria materialista, como usualmente entendida, o livre arbítrio é uma ilusão e toda a nossa experiência está localizada dentro de nossas cabeças. Mas da forma com que verdadeiramente experimentamos nossas vidas, o livre arbítrio é considerado como certo e é a base do sistema legal e de como criamos nossos filhos, e nossa experiência subjetiva não parece estar localizada dentro de nossas cabeças. Cada vez que você olha para alguma coisa, as imagens que você vê parecem estar fora de você, onde o objeto realmente está.

Hoffmann – *Quantas e quais tipos de armas intelectuais você utiliza ordinariamente para combater a concepção mecanicista predominante de mundo, a qual você tão enfaticamente condena? Quantas pedras você encontrou no seu caminho desde que decidiu desafiar o establishment?*

Sheldrake – Minha atividade primária é a pesquisa. Tento explorar hipóteses holísticas, desenvolver suas implicações empíricas e fazer experimentos para testá-las. Tanto por inclinação quanto por necessidade, tenho de fazer experimentos que custam muito pouco, logo, parte do desafio consiste em pensar em maneiras simples de fazer pesquisas radicais. Essa idéia subjaz meu livro *Seven experiments that could change the world: a do it yourself guide to revolutionary science*, o qual delineou o programa de pesquisa no qual estou agora trabalhando. Entretanto, seguir por esse caminho significa que sou frequentemente atacado por defensores da ortodoxia, os quais às vezes se autoproclamam “céticos”. Sou a favor do ceticismo como uma atitude de investigação, mas não como um sistema de crenças dogmático. Penso ser necessário realçar a diferença entre ceticismo saudável e dogmatismo insalubre, e fazer oposição à influência de grupos céticos ativistas que largamente buscam influenciar a mídia para esta adotar e disseminar seus pontos de vista. Sou parte de um grupo que ajuda a manter um sítio eletrônico devotado a esse fim (www.skepticalinvestigations.org). Esse sítio eletrônico tem dois lados, um enfatiza a investigação positiva de mente aberta ou ceticismo genuíno. O outro investiga os céticos e expõe as decepções e as desonestidades que alguns deles perpetraram por intermédio da mídia em defesa do seu sistema de crenças. É importante engajar jovens nesse debate, e eu frequentemente dou palestras em escolas aqui na Inglaterra e organizo experimentos dentro das escolas. Tenho encontrado muitos obstáculos nesse caminho, não menos o fato de que eu não tive um salário ou trabalho regular por mais de 25 anos. Apenas ser capaz de sobreviver e obter fundos para pesquisar já tem sido um desafio. Mas, felizmente, as coisas sempre se desenrolaram de um modo que me permitiu continuar e sustentar a família. A situação mudou recentemente e eu fui nomeado para um posto de pesquisa, financiado pelo *Trinity College* (Cambridge), baseado em um financiamento para a pesquisa psíquica erigido na década de

1930, o fundo Perrott-Warrick. Isso agora significa que eu tenho um salário regular, e a conexão com Cambridge está tornando mais fácil levantar verbas para a minha pesquisa. Tenho sido submetido a muito preconceito, injustiça e hostilidade desde que adotei uma via diferente daquela da maioria dos meus colegas no mundo da ciência. Um dos desafios tem sido não me tornar amargo ou hostil, mas sim ver isso como uma consequência inevitável de uma mudança importante na nossa visão de mundo. Isso não é particularmente pessoal, já que os mesmos tipos de coisas acontecem com outros que desafiam a ortodoxia. Mas significa que, quando jovens pedem meu conselho sobre carreiras, devo alertá-los sobre os perigos de se fazer qualquer coisa que possa ser vista como radical demais ou original demais.

Hoffmann – *Você nunca pensou em questionar o próprio conceito de “estatisticamente significativo”, que é tão emblemático da ortodoxia?*

Sheldrake – Não é meu objetivo desafiar o procedimento experimental normal e a metodologia estatística utilizados na ciência. Se fenômenos tais como telepatia ocorrem, então deve ser possível se obter evidência para eles em experimentos replicáveis que dão resultados estatisticamente significativos. O uso de estatística é mais problemático quando lidamos com eventos únicos, tais como coincidências significantes ou sincronicidades, que não seguem padrões regulares. Mas a maior parte dos fenômenos que eu estou investigando segue, creio, padrões regulares, e pode ser investigada com o uso de métodos-padrão.

Hoffmann – *Você acha que é mais importante informar acadêmicos ou pessoas comuns sobre o “novo tipo de ciência” que você propõe?*

Sheldrake – Eu não acho que informar acadêmicos ou pessoas comuns sejam alternativas. Eu creio em ambos. Tento alcançar as pessoas comuns por meio de meus livros e por palestras públicas e programas de rádio e televisão, bem como via artigos em revistas e jornais. Tento atingir uma audiência acadêmica com seminários e palestras em universidades e institutos de pesquisa, e por artigos científicos publicados em periódicos com pareceristas. Creio que ambos são importantes. Talvez o mais importante de tudo seja alcançar estudantes cujas mentes ainda estão bastante abertas.

Hoffmann – *Você argumenta que a Natureza tem memória, portanto suas leis são como hábitos sob a influência da seleção natural e da ressonância mórfica. Você também diz que a morfogênese requer genes (e produtos gênicos, portanto expressão gênica) e campos morfogenéticos. Em poucas palavras: o que nós já temos é necessário mas insuficiente. Isso significaria que todo o alarde sobre projetos de genoma, bioinformática, prospecção de dados e assim por diante é largamente em vão? Nunca se encontrará o “segredo da vida” dentro de um banco de genes ou proteínas...*

Sheldrake – Penso que os projetos de genoma não são exatamente sem uso, mas têm um uso muito mais limitado do que muitas pessoas assumem. Eu creio que os genes são toscamente supervalorizados porque se assume que eles dão conta de toda a hereditariedade, ao invés de simplesmente da herança de proteínas e do controle da síntese protéica. Nós nunca encontraremos o “segredo da vida” dentro de um banco de genes ou proteínas.

Hoffmann – *O que você pensa dos escritos de Robert Rosen, Robert Ulanowicz ou Fritjof Capra? Você vê conexões com o seu próprio trabalho?*

Sheldrake – Desses três escritores, o único cujo trabalho eu li em maiores detalhes foi o de Fritjof Capra. Ele pretende propor uma visão sistêmica dos organismos vivos baseada na teoria geral dos sistemas. Essa é de fato uma abordagem holística e vai um pouco além do reducionismo ingênuo que ainda domina a maior parte da Biologia oficial. Entretanto, ele teme ir longe demais e, portanto, em minha opinião sua abordagem sistêmica não é muito radical, simplesmente criando uma espuma teórica sobre a superfície da ciência mecanicista convencional, sem realmente alterar radicalmente o paradigma. Sua estratégia sistêmica não leva à predição de novos fenômenos, e não é útil no planejamento de novos experimentos. Portanto, é mais especulação gratuita que ciência real.

Hoffmann – *Você crê na herança dos caracteres adquiridos, conforme mencionou anteriormente. Qual é a conexão com a ressonância mórfica?*

Sheldrake – Como Darwin, eu penso que os caracteres adquiridos podem ser herdados. Mas, diferentemente de Darwin, eu não penso que essa herança ocorre por modificações nas células germinais. Nem penso eu que ela ocorre por meio de mutações dirigidas nos genes. Ao invés disso, ela acontece via modificações em campos mórficos herdados por ressonância mórfica. Assim, caracteres adquiridos podem ser herdados sem qualquer necessidade de mudança nos genes.

Hoffmann – *Dentre seus críticos se encontram Steven Rose e Lewis Wolpert,¹ para citar apenas dois. Conte-nos algo sobre o debate de “telepatia” que envolveu Wolpert e você.*

Sheldrake – O debate sobre telepatia com Wolpert está disponível em meu sítio eletrônico em *streaming audio*,² de modo que qualquer um que queira saber mais sobre ele pode escutar por si mesmo. Essencialmente, revelou-se que Wolpert, que tem negado por anos a existência de telepatia, não sabia nada sobre ela e nunca tinha estudado a literatura. Sua posição foi essencialmente

¹ Uma curiosa entrevista com este renomado embriologista será publicada em *Episteme* brevemente.

² Disponível em http://www.sheldrake.org/controversies/telepathy_tape.html

de dogma ou ideologia. A audiência presente em nosso debate em Londres pensava que a questão deveria envolver evidência ao invés de simples crença. Eu apresentei muitas evidências a favor da telepatia, enquanto ele não apresentou nenhuma em favor de suas próprias convicções. Mesmo o correspondente da revista *Nature*³ achou difícil tomar seriamente a posição de Wolpert.

Hoffmann – *Você poderia, por obséquio, sintetizar a importância da pesquisa com “a sensação de estar sendo observado”?*

Sheldrake – A sensação de estar sendo observado não deveria acontecer se todos os processos mentais ocorrem dentro do cérebro. Como um resultado do debate publicado em uma edição recente do *Journal of Consciousness Studies*, eu prefiro chamá-la de “detecção não-visual de estar sendo olhado fixamente”, porque, evidentemente, se as pessoas podem ver que estão sendo observadas, então isso não traz quaisquer novos problemas. Se por eu olhar para alguém por trás quando essa pessoa não sabe que eu estou lá posso influenciá-la, então claramente minha atenção é capaz de agir a distância. Minha interpretação desse fenômeno é a de que faz mais sentido se pensarmos a visão como envolvendo um processo de duas vias, o movimento para dentro da luz e a projeção para fora de imagens. Esta não é uma visão nova, mas já foi levantada por muitos filósofos ao longo dos séculos, incluindo Platão e, mais recentemente, William James, Henri Bergson e Alfred North Whitehead. A detecção não-visual de estar sendo olhado fixamente permite que essas diferentes teorias da visão sejam testadas empiricamente, e, conseqüentemente, tem grandes implicações para nossa compreensão da natureza da percepção e da mente.

Hoffmann – *O que é mais importante nos dias de hoje, em sua opinião, ciência ou filosofia? Qual o balanço ideal?*

Sheldrake – Fui sempre inspirado pela filosofia, a qual estudei como estudante de pós-graduação em Harvard. Mas eu não me sinto muito inspirado pela maior parte da filosofia moderna, que me parece enfadonha e muito limitada. Meu próprio trabalho em campos mórficos e ressonância mórfica foi influenciado fortemente por Henri Bergson e, em menor grau, por Alfred North Whitehead. Penso que seus discernimentos filosóficos ainda têm muito a nos ensinar. Não sei se existe um balanço ideal entre ciência e filosofia, mas qualquer mudança na ciência levanta questões filosóficas, e questões filosóficas podem ajudar a mudar a ciência. É apenas uma idéia recente a de que esses devem ser dois campos separados. No século XVIII, na Inglaterra, a ciência era chamada de Filosofia Natural, e eu particularmente aprecio essa forma de pensar sobre ela.

³ *Nature* 22nd January 2004, texto também disponível em http://www.sheldrake.org/controversies/telepathy_Nature.html

Hoffmann – *Você diria que a maior parte dos filósofos acadêmicos está seguindo por caminhos errados? O que você pensa sobre a Filosofia da Biologia?*

Sheldrake – Eu penso que muito da filosofia acadêmica está entrando em um beco sem saída por seguir as pressuposições materialistas dos neurocientistas. A maior parte dos cientistas é filosoficamente muito pouco sofisticada. Para os filósofos aceitarem suas pressuposições materialistas como se fossem ciência, ao invés de má filosofia, significa que muito da filosofia acadêmica da mente não está ajudando a apontar uma nova direção para a ciência, mas apenas se envolvendo no emaranhado de contradições causado por pressuposições não questionadas. A Filosofia da Biologia predominante é mecanicista, e é uma versão atualizada da teoria biológica da máquina, inicialmente proposta por René Descartes no início do século XVII. Ao invés de tratar os organismos vivos como organismos vivos, ela os trata como máquinas. A metáfora da máquina pode ser útil em alguns casos, mas é muito limitante, para a totalidade da Biologia, ser trancada dentro de apenas um tipo de metáfora. Considero mais útil pensar em organismos vivos como organismos vivos.

Hoffmann – *Dr. Sheldrake, muito obrigado por compartilhar com os leitores de Episteme algumas das suas idéias, bem como sua história pessoal. Foi realmente interessante e muito inspirador!*

Sheldrake – Obrigado a você também. Espero que alguns dos seus leitores venham a tomar parte em minha pesquisa em curso, tentando o teste *on-line* de telepatia em meu *website* (www.sheldrake.org), e que também encorajem seus estudantes a tentá-lo.⁴

⁴ Alguns dias mais tarde, o Dr. Sheldrake, em um comentário ao entrevistador, reenfatizou seu interesse: “Eu realmente espero que os seus leitores que têm estudantes possam ajudar utilizando isso como um exercício a partir do qual eles poderiam aprender sobre ciência, estatística e inglês, já que as instruções são em inglês. Seria bom para eles conhecerem as instruções em avanço, de modo que eles possam acompanhar o inglês. O experimento ainda não foi traduzido: essa versão foi lançada há somente quatro semanas”.

